

CRISTIANA LÔBO

ESTADO DE SÃO PAULO

## A raposa e o escafandrista

**S**ó um escafandrista da alma humana poderá decifrar o que levou o presidente do Senado, José Sarney, a dizer textualmente: "Se o presidente Fernando Henrique convocasse a Nação para dizer que não privatiza a Vale e pedisse a aprovação da reeleição, grande parte dos que estão nesse movimento pagaria o preço."

Tal declaração suscita interpretações variadas. Poderá ele ter prestado um serviço à Nação. Por revelar que a linguagem da maioria do Congresso é mesmo a da barganha política, o desejo incontornável de promover um escambo. Para o grande público que o viu na televisão dizer o que disse, Sarney passou como o patrocinador de uma operação de "toma-lá-dá-cá" — dê-me a Vale do Rio Doce que lhe dou a oportunidade de disputar mais um mandato.

Para bons entendedores, o objetivo de Sarney — que não é propriamente um amador na política, e sim o que ainda resta das "raposas" — pode ter sido o de atingir o governo Fernando Henrique e nele impregnar a mancha do fisiologismo. "Sarney sabe exatamente onde é que ele se sujou: foi na busca por mais um ano de mandato", analisou um importante parlamentar. "Ele tinha na Constituição a garantia de um mandato de seis anos, cumpriu cinco e ainda ficou com a fama de que comprou um ano de mandato, o ano mais doloroso de seu mandato", completou o parlamentar. "Não fosse esse último ano, havia mais tempo ele já estava disputando a volta ao Planalto."

Mas é certo que Sarney errou a mão. Ao fazer tal declaração, não houve telespectador que não se lembrasse de sua incessante luta para garantir mais um ano de mandato. Tempo inesquecível em que ganhou notoriedade a lógica franciscana do "é dando que se recebe".

Fernando Henrique, que também não é amador, sentiu a poeira no ar e tratou de cuidar da imagem do governo e da própria. De forma mais contundente do que o habitual, o presidente negou que vá fazer qualquer tipo de concessão para obter o direito de disputar nova eleição. Seus aliados con-

cordam: ganhar a batalha da reeleição com a fama de que comprou votos no Congresso é a pior das viagens. O melhor seria partir para outro projeto, pois ganha-se a batalha, mas perde-se a guerra.

"Como um menino travesso, Sarney tentou jogar uma bolota de terra para sujar o Planalto", comparou um deputado governista, revelando o papel dos aliados daqui para a frente: "Ficar com um escudo, aparando todo o tipo de torpedo que venha manchar o governo Fernando Henrique."

José Sarney pode até ter feito a declaração de caso pensado. Mas se foi mesmo uma estratégia para deixar nódoas no governo Fernando Henrique, um pouco da mancha caiu sobre si. E Fernando Henrique, daqui para frente, terá de ficar muito mais atento.

Sarney é a voz mais ouvida no Congresso, mas o discurso do escambo está em toda parte. Desde o chamado "baixo clero" até políticos conhecidos e com cargos de comando.

O mapeamento dos votos está sendo cuidadosamente feito pelos líderes governistas e num gabinete no Palácio do Planalto: o do ministro dos Assuntos Políticos, onde os pleitos e indicações são contabilizados e encaminhados. Por ora, o trabalho está sendo feito na

Câmara para a votação final, prevista para meados de janeiro.

O desafio do governo será acalmar a turma. A primeira providência foi tomada e deu resultado: hoje já não se fala mais que a reforma ministerial virá para obter votos pela reeleição. Poderá, até, ser pagamento de contas passadas, revestido do discurso de que se trata de equilibrar o Ministério às novas forças políticas que emergiram com as eleições municipais.

É possível entender que um político queira prestígio do governo que apóia (no glossário político, prestígio quer dizer cargos para seus afilhados), mas difícil fica para o eleitor entender o que tem a ver a privatização da Vale do Rio Doce com a possibilidade de presidentes, governadores e prefeitos disputarem mais um mandato.



■ Cristiana Lôbo é jornalista

### Declaração de Sarney sobre Vale e reeleição se presta a interpretações variadas